

PRODUÇÃO DE CITROS DE MESA E INDUSTRIAL NO NORDESTE BRASILEIRO – AVANÇOS TECNOLÓGICOS

Orlando Sampaio Passos¹, Mauricio Antonio Coelho Filho¹, José da Silva Souza¹, Helton Carlos de Leão²

¹Embrapa Mandioca e Fruticultura, C. P. 007, 44380-000 Cruz das Almas – BA

²Citrosuco Paulista, C. P. 001, 15.990-902 Matão -SP

A região Nordeste apresenta características climáticas distintas e posição geográfica privilegiada, que, se estrategicamente exploradas, poderão torná-la a principal área de expansão dos citros no País. A evolução da citricultura no Nordeste deu-se a partir da década de 70, quando iniciou-se a sua independência tanto em importação de frutos quanto no emprego de tecnologias costumeiramente introduzidas do Sudeste. Nessa época a produção de citros era distribuída entre os Estados do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, além de São Paulo, o tradicionalmente o maior produtor. Dois fatores foram fundamentais nesse processo: o estabelecimento de ações públicas nas áreas de pesquisa e desenvolvimento, extensão rural e crédito e o reconhecimento do setor à citricultura como nova opção econômica para a região. Além da demanda do mercado, podem-se alinhar como oportunidades à região as condições ecológicas adequadas; disponibilidade de área, estimada em 300.000 hectares; logística (energia elétrica, estradas pavimentadas, portos marítimos e meios modernos de comunicação) e proximidade das regiões produtoras às capitais e grandes cidades; localização privilegiada, se comparada com outras regiões produtoras do País, a menos 2.000 - 2.500 km de grandes centros de consumo; e ausência ou presença não endêmica de doenças altamente prejudiciais à citricultura e ao meio ambiente, o que a privilegiaria junto aos países europeus, cuja demanda de produtos livres de defensivos é absoluta. O objetivo desse artigo é chamar a atenção para os aspectos mencionados mostrando o ambiente em que a citricultura nordestina vem prosperando, com ênfase na produção de frutos de mesa e possibilidades industriais, e o seu crescimento em comparação com o Sudeste, que é a região maior produtora nacional. Aborda-se também avanços obtidos na identificação de áreas potenciais para expansão da citricultura e o comportamento das cultivares em diferentes ecossistemas e os desafios a que está submetida a citricultura nordestina sobressaindo a prática da monocitricultura – predominância absoluta da combinação laranjeira 'Pera' x limoeiro 'Cravo', o que torna a citricultura vulnerável pela exposição às possíveis doenças, como houve no passado e com limites estreitos de comercialização e a desorganização da produção Trata-se de uma "agricultura tipicamente familiar", que contribui para a fixação do homem no campo,

evitando a lamentável evasão rural que tantos prejuízos trazem à nação. De acordo com o IBGE, a produção brasileira de citros, em 2009, foi de 19,6 milhões de toneladas, sendo 17,6 milhões no grupo das laranjas correspondendo a 89,83% da produção; 1,09 milhão de toneladas nas tangerinas ou 5,58% da produção e 0,90 milhão de toneladas de limas/limões ou 4,59% da produção. Nesse ano, o Nordeste contribuiu com 10,06% na produção nacional de laranja, 4,59% de tangerina e 9,23% de limão, enquanto o Sudeste participou com 82,12%, 54,94% e 84,02% nos referidos grupos respectivamente - dados que evidenciam a necessidade de o Nordeste concorrer com produtos que mais se adaptem às condições climáticas regionais principalmente as que ocorrem no semiárido. Analisando-se a temperatura média anual, umidade relativa do ar, o regime pluviométrico da região e a sua diversidade ecológica em relação à adaptação de plantas cítricas, poder-se-ia dividi-la em três áreas principais: Zona da Mata, localizada ao longo da costa, com clima mais úmido, precipitação superior a 1.000 mm por ano, predomínio de temperatura média anual superior a 22 °C e grande disponibilidade de área que pode ser representada pelo município de Rio Real (Bahia). Nessa zona, onde estão inseridos os Estados da Bahia e Sergipe, está concentrada mais de 90% da citricultura nordestina e as indústrias de processamento de suco concentrado de laranja essencialmente 'Pera'; Zona de Altitude, localizada nos Estados da Bahia, Pernambuco, Paraíba e Ceará, que pode ser representada pelo município de Rio de Contas (Bahia), localizado a 1.100 m de altitude, com clima ameno, temperaturas baixas no inverno (julho é o mês mais frio), regime pluviométrico insuficiente e concentrado, necessitando irrigação complementar, apesar dos valores de deficiência hídrica serem menores aos observados em outras regiões por conta desse período coincidir com as baixas temperaturas. Esta área seria prioritária para a produção de frutas de mesa, de preferência tangerinas e laranjas doce sem sementes como os tangeleiros 'Page' e 'Piemonte' e as cultivares de laranja Baianinha, Cara Cara, Rubi, Salustiana e Westin e a Zona Semiárida, localizada no Polígono das Secas, com destaque para o Vale do Rio São Francisco (Pernambuco/Bahia). Essa região pode ser observada entre as zonas de altitude e zona da mata, apresentando deficiência hídrica superior a 400 mm e chuvas inferiores a 900 mm e dispõe das melhores condições climáticas para a produção de limas ácidas e pomelos no País. Os mercados tradicionais consumidores de suco de laranja estão reduzindo o consumo enquanto outros mercados não tradicionais aumentam a demanda pelo produto, ou seja, no segmento suco de laranja. Países como Alemanha e Reino Unido reduzem o consumo enquanto Brasil, Rússia, Índia e China incrementam o consumo. Isso demonstra que consumo mundial de suco de laranja ainda tem espaço para o crescimento principalmente de novos produtos. Quando se avalia a tendência das exportações de produtos cítricos, verifica-se o crescimento contínuo no consumo do suco pasteurizado (NFC) e a significativa redução do suco concentrado (FCOJ). De acordo com a CitrusBR, a

exportação de suco pasteurizado (NFC) aumentou de 250 mil toneladas em 2003 para quase 1 milhão de toneladas no ano de 2010, enquanto o suco congelado que, em 2001 exportou 1,2 milhão de toneladas, reduziu o volume para cerca de 500.000 toneladas em 2010. Conforme a mesma fonte, a exportação de frutas cítricas frescas apresenta também desempenho decrescente: na safra 2004/2005, foram exportadas cerca de 90 mil toneladas de frutas frescas, enquanto que na safra 2010/2011 esses valores caíram para cerca de 50 mil toneladas. O comportamento das exportações demonstra que o mercado tem buscado a praticidade do consumo de suco pronto para beber com qualidade organoléptica superior. Visando o atendimento dessa tendência, torna-se imprescindível avaliar-se novas variedades cítricas, ou seja, a qualidade da fruta produzida nas condições edafo-climáticas de cada região. O Banco Ativo de Germoplasma de Citros, existente na Embrapa Fruticultura e Mandioca, em Cruz das Almas – BA, que data dos anos 50, vem sendo utilizado no sentido de se identificar novos materiais genéticos de citros. A disponibilidade desses novos genótipos, tem sido possível graças à implantação de campos experimentais nas mais variadas regiões do Nordeste, o que tem possibilitado a avaliação do comportamento de muitas variedades cítricas, com potenciais para produção de frutos que atendam às exigências do mercado de fruta fresca e também da indústria de suco. A colheita desses campos em diferentes períodos de maturação de frutos, desde o ano de 2006, tem permitido entender melhor a performance de cada variedade bem como entender o seu ciclo de produção. O ciclo de produção de uma variedade cítrica é definido pelo período entre o florescimento e o pico de maturação da fruta. Por meio dessas análises, chegou-se à classificação das cultivares em função da época de colheita. É considerada uma cultivar precoce, quando o período entre o florescimento e a maturação dura entre 08 e 10 meses. Nesse grupo de variedades de ciclo precoce seguem as principais cultivares amostradas no trabalho de acompanhamento: Salustiana, Pineapple, Comum da GM, Espanhole sans peppins, Rubi, Russas 05, Flor e Caipira. Como meia estação, é considerada quando o período entre o florescimento e a maturação dura entre 11 a 12 meses. Nesse grupo de cultivares de ciclo meia estação, essas foram as principais variedades de laranja amostradas: Pera 02 CNPMF; Hamlin 20 CNPMF; Pera 01 CNPMF; Diva; Biondo; Sincorá; Hamlin 02; Hamlin 03 CNPMF; Shamouti; Pera D-9; Sincorá; Pera B-12 e Pera D-24 e tardias são as que apresentam o período entre o florescimento e a maturação é de 13 a 15 meses. Nesse grupo, de ciclo tardio, seguem as principais cultivares amostradas: Valencia "F" CNPMF; Valencia 03 CNPMF; Sunstar; Natal 01 CNPMF; Valencia 27; Tuxpan; Jaffa; Valencia 02 CNPMF; Natal 02 CNPMF; Natal 112 CNPMF; Montemorelos; Parson Brown; Natal 27 CNPMF; Valencia F-11 e Valencia 01. Comparando-se o desempenho do crescimento da área colhida com laranjas nas regiões Nordeste e Sudeste e no Brasil, comprova-se que o Nordeste apresentou a maior taxa de crescimento nacional no período 1990/2009, enquanto que o Brasil e o Sudeste

apresentaram taxas negativas de crescimento (redução de área colhida). Analisando-se em sub-períodos, observa-se no Nordeste, crescimentos em todos os sub-períodos, com maior valor na década de 1990. O mesmo não ocorreu para o Brasil e o Sudeste. A redução nesta região foi devida à incidência de doenças como o HLB, cancro cítrico, clorose variegada dos citros (CVC), entre outras. Para o grupo das tangerinas, o Brasil e o Nordeste apresentaram as maiores taxas de crescimento no período 1990/2009. Quando se analisa em sub-períodos, apesar de o Nordeste ter apresentado a maior taxa negativa na década de 1990, esta região teve o maior crescimento, de 6,91% a.a. na década seguinte (2000), compensando-se a redução na área colhida que ocorreu na década anterior. Observa-se ainda que o comportamento do desempenho no Brasil e na região Sudeste seguem a mesma tendência nos sub-períodos e em todo período (1990/2009). Analisando-se o desempenho do crescimento da área colhida no grupo dos limões nas regiões Nordeste e Sudeste e no Brasil, comprova-se que o Nordeste apresentou significativa taxa de crescimento nacional no período 1990/2009, enquanto que o Brasil e o Sudeste apresentaram pequenas taxas de crescimento. Para os sub-períodos considerados, a região Nordeste apresentou o maior crescimento na década de 1990 e pequeno crescimento na década seguinte. Observa-se ainda que o comportamento do desempenho no Brasil e na região Sudeste seguem a mesma tendência nos sub-períodos e em todo período (1990/2009). Há um Nordeste a ser descoberto pelos governantes e setor privado, que respeitem as suas aptidões e que reconheçam a vantagem comparativa a si conferida pela radiação solar, proporcionando melhor qualidade de vida ao seu povo. O polo Petrolina/Juazeiro é um exemplo vivo das mudanças que podem ocorrer quando existe decisão política. Ao invés da “indústria da seca”, prevaleceu-se dessa condição climática para transformar essa região num dos maiores polos de produção e exportação de frutas do País. A citricultura, pela sua característica de fonte geradora de renda e emprego, pode ser uma real alternativa no desenvolvimento sustentável do Nordeste, tanto para atendimento ao mercado de frutas frescas como para processamento de suco.